

PATAXÓ-HĀHĀHĀE

TUPINAMBÁ

cantando
as
culturas
indígenas

Cantar é a cultura do nosso povo.
Criança Kariri-Xocó

O canto para nós é vida
Professora Tânia Xukuru-Kariri

*Hoje nós indígenas vivemos
Lutando para ter direitos
Para sermos reconhecidos
Se nos unirmos vai ter jeito
Antes nu, hoje com roupa
Somos povo Truká
Jogamos para ganhar
No nosso Pai Tupã temos fé.*

Professora Antônia Truká

O Professor ou a Professora da Educação Escolar Indígena é aquele(a) que aprende, que mostra e que lembra. Existimos hoje graças aos nossos ancestrais, logo, devemos cantar para a tradição continuar. Os jesuítas, o poder do Clero, da Monarquia, das Forças Armadas, dos Governos, entre outros, tiraram a cultura indígena do Nordeste, através da imposição de leis e educação, agora através da Nossa Educação, nós vamos resgatá-la. Nós somos os construtores e construtoras da educação que queremos para nossos descendentes. Devemos cantar e gravar para que os jovens ouçam. É cantando que se aprende a viver!

Nhenety Kariri-Xocó

Agradecemos, aos povos indígenas Kariri-Xocó, Pankararu, Xukuru-Kariri, Truká, Tumbalalá, Pataxó Hãhãe e Tupinanbá de Olivença e todos os amigos e as amigas, a vocês a eterna gratidão dos momentos partilhados de encantos e cantos indígenas.

Autores: José Nunes Kariri-Xocó, Kôrá Nhenety Xukuru-Kariri, Sônia e Fernando Pankararú, Antônia Truká, Cecília Marinheiro Tumbalalá, Wilman e Paulo Pataxó Hãhãe, Jamopoty, Acauã e Rômulo Tupinambá de Olivença.

Realização: Thydêwá

Facilitadores: Ricardo Pamfilio e Sebastian Gerlic.

Editor: Ricardo Pamfilio de Sousa

Arte gráfica: Luis Henrique Moreira e Nico Czajca

Produção Gráfica: Davi Pita

Edição do CD: Paula Castagnet



Agradecimentos especiais para: Julio Suiira Kariri-Xocó, Ayrá Kariri-Xocó, Tawaná Kariri-Xocó, Yakuy Tupinambá, Maria José Tumbalalá, Eliana Gonzaga Truká, Laura Juliani, Samia Essadi, Jane, Nicolas Hallet, Marcelo Rabelo e Angela Lühning.

Cantando as culturas indígenas Tradição educativa

Nasce da alquimia do encontro de professores indígenas de sete nações: Kariri-Xocó, Xucuru-Kariri, Pankararu, Truká, Tumbalalá, Tupinambá e Pataxó-Hãhãhãe, que junto aos facilitadores da ONG Thydêwá, partilham aqui a síntese de suas experiências.

Com o apoio do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, através de seu programa Transformando com Arte, nos aventuramos a esboçar este kit didático, composto por um livro e um Cd, que visa enriquecer a Educação Escolar Diferenciada e fortalecer as Culturas Indígenas.

Este kit é um incentivo, um presente para encorajar os professores e professoras indígenas a explorarem suas capacidades, criatividade e talentos; ousar com arte para que compartilhando experiências construamos um mundo melhor. Os textos aqui expostos não são receitas, preceitos, guias ou fórmulas, mais sim uma humilde partilha de idéias e práticas; uma vontade de querer sentir as culturas indígenas, se projetando na beleza de suas tradições e nas necessidades de suas atualizações.

Convidamos às nações indígenas, professores e crianças a somarem-se neste caminho. Brincando e dançando com os cantos de nossas almas, abrimos um espaço de integração do tradicional com a atualidade; uma “Tradição Educativa” com sinceridade, amor, arte, cultura, história, natureza, ciência, ecologia, matemática, português, identidade e cidadania. Como co-criadores da vida, assumimos aqui nosso poder de transformar a realidade para melhor.

Apresentamos aqui resumos, apontamentos para enriquecer a prática e reflexão pedagógica para a Educação Escolar Indígena. A busca de uma educação escolar diferenciada e de qualidade nos possibilitou iluminações que facilitaram este trabalho, graças às colaborações importantíssimas de toda nossa equipe.

Contamos para a elaboração deste material didático, com o apoio de representantes de sete nações indígenas.

José Nunes Nhenhety, guardião da memória Kariri-Xokó, suas falas e sugestões possibilitaram um aprofundamento na temática escolhida: A educação das crianças indígenas através da música do seu povo. Ganhamos algumas interpretações de letras, algumas palavras sobre a dança circular do Toré, dizeres sobre a filosofia Kariri-Xokó. Imprescindíveis foram todas participações! *Cecília Tumbalalá*, *Antônia Truká*, *Tânia Xucuru*, *Sônia Pankararú*, *Wilman Pataxó Hãhãhãe* (Bawaí), *Paulo Titiah Pataxó Hãhãhãe*, além da cacique, *Maria Valdelice Jamopoty*, *Rômulo e Nádia Tupinambá de Olivença*, que forneceram o apoio pedagógico especializado, possibilitando trocas de experiências no desenvolvimento da proposta.

Cada povo enfatiza as diversas áreas de estudo. Todos fornecem algumas descrições de seus territórios, de suas histórias. A Festa do Imbú, nos é particularmente narrada por Sônia Pankararú. As ilustrações presentes neste volume são apenas dos alunos Pankararú, os alunos das demais etnias também realizaram belíssimas e expressivas ilustrações, mas, limitamos o espaço devido a escassez de recursos financeiros para esta publicação que certamente será seguida por outra, revisada e ampliada. Cada povo, representado com os textos de seus professores e professoras complementam este projeto. Distribuídos ao longo deste livro temos histórias, narrativas, experiências, avaliações e outras preciosidades coletadas durante nossos encontros de trabalho e visitas à campo. Cada professor e cada professora ficou livre para sugerir, opinar e construir esta ferramenta de trabalho, uma tecnologia educativa pensada para a educação indígena diferenciada e de qualidade. No texto Truká encontramos especiais referências sobre a Estrutura e Funcionamento da Educação Escolar Indígena.

A aldeia que sediou nossos dois encontros em Porto Real do Colégio-AI KAriri-Xokó nosso muito obrigado. A força espiritual, possibilitada através da presença de todos foi intensamente vivida, principalmente durante os cantos de Toré, puxados por Fernando Pankararú. Nos resta esperar que este produto material, livro e CD, possibilitem compartilhar, principalmente com os povos indígenas do Brasil, avanços significativos na educação escolar indígena.

O Toré de abertura do CD em anexo é cantado por Fernando Pankararu. Com exceção desta faixa, todas as demais seguem a ordem do livro texto. O livro poderá ser uma preciosa ferramenta de intenções didáticas, pois, pensamos produzir um caderno de orientação metodológica que ilustre parte da realidade do cotidiano destes povos. Esperamos dar continuidade a este projeto.

Ricardo e Sebastian



Lista do Material Sonoro Disponível no CD “Cantando As Culturas Indígenas”

Toré gravado sob a orientação de Fernando - **PANKARARÚ**

Faixa um (1)

1:38

1ª Passarinho

Toré gravados sob a orientação de Nhenety - **Karirí-Xocó**

Faixa dois (2)

4:19

2ª Heia Hê Heia Heá! Voz de criança Eia Eiou

3ª O cocal é minha casa

4ª Fita verde

5ª Gosto de cantar

Faixa três (3)

4:13

6ª No pé do cruzeiro jurema

7ª Juazeiro verde

8ª Ninho Nu Wonhé (Índio quer cantar)

Faixa quatro (4)

4:46

9ª Lá lá i rá cabelo da terra pequena (Olé lê)

10ª Para cima pro sertão (Dona Tereza)

11ª Boywyró (Vamos embora)

Toré gravados sob a orientação de Fernando - **PANKARARÚ**

Faixa cinco (5)

1:41

12ª Tava nas Matas

Faixa seis (6)

3:50

13ª No caminho da Serrinha

14ª Papagaio Verde Amarelo

Toré gravados sob a orientação da professora Tânia - **XUKURU-KARIRI**

Faixa sete (7)

1:23

15ª Boa Noite meus Parentes

Faixa oito (8)

1:56

16ª Fita verde

Faixa nove (9)

4:24

17ª Nós viemos de Aruanda

18ª Heiahá, Heihi

Estas linhas de Toré foram gravadas para a divulgação do Projeto Cantando as Culturas Indígenas e foram autorizadas pelo Capitão **TRUKÁ** Deodato dos Santos.

Faixa dez (10) 3:31

19ª Reina Assunção

20ª O meu penacho ele é de pena de ma.

Faixa onze (11) 1:41

21ª Cadê meu qüaiquí ?

Toré gravados sob a orientação do Cacique Cícero Marinheiro **TUMBALALÁ**

Faixa doze (12) 5:43

22ª Cadê meu qüaiquí ?

23ª Cadê meu maracá ?

24ª Eu sou é um índio e eu trabalho é no ar!

25ª Trupela, Trupela, Trupela, Trupela

26ª Passarinho Verde saia das matas

27ª Na minha aldeia têm têm têm. Têm caboco índio que trabalha bem

28ª Quando no pé do Cruzeiro. Quando pego na cabaça da ciência

29ª Adeus, adeus, adeus que eu me vou. Eu vou pra minha aldeia meu caminho de flor

Toré gravados na Aldeia **PATAXÓ HÃ-HÃ-HÃE** Caramuru Catarina Paraguaçu.

Faixa treze (13) 1:44

30ª Na minha aldeia tem

31ª Tihís Pataxó Hãhãhãe

Faixa catorze (14) 3:58

32ª Eu sento na Bawái

33ª A saia é de paia, capacete é de penacho

Faixa quinze (15) 1:59

34ª Meu papagaio seu canto é bonito e veio tão lindo do lado de lá!

Porancim gravado na escola **TUPINAMBÁ** de Olivença em Sapucaeira

Faixa dezesseis (16) 2:25

35ª Jacy aiandê Jacy

36ª Ixé axó pé ubí Tupã.

37ª Maré encheu, tornou vazar

Faixa dezessete (17) 2:13

38ª Tem um muzuí pra mim olhar

39ª Tupinambá abecoabe

Porancim gravado durante a 3ª Caminhada em Homenagem aos Mártires do Cururupe

Faixa dezoito (18) 1:08

40ª Quando eu chego em Olivença pra lutar por nossas terras.

A Aldeia

Nossa tribo está localizada no município de Porto Real do Colégio, sul do estado de Alagoas na região do baixo São Francisco. Temos 550 famílias, de várias etnias, entre elas: Kariri-Xocó, com uma organização social estruturada com Lideranças, Caciques, Pajés, Conselho Tribal, Chefes de Famílias, Chefes de Casa e a Comunidade. Além dessa aldeia temos outra que fica há 6 km, na Mata do Ouricuri onde o grupo se desloca para o ritual religioso. Ainda temos um Posto de Saúde, uma Estação de Tratamento de Água, Sanitários em todas as casas, (e) defronte à Aldeia, no porto, têm canoas de pescadores.

Os Cantos e Danças do Toré

Os cantos representam os fenômenos culturais e sociais, em que os pássaros, animais, sentimentos, são citados como uma vivência ocorrida, num determinado período histórico. O termo Toré provém do Tupi, instrumento de sopro usado no canto. As músicas contemplam temas variados, a chegada da chuva, a despedida, a resistência, a colheita e a força da fé. As danças são os movimentos desses fenômenos, num mundo tribal, a Terra é a base de tudo, com seu ritmo, forma circulares, ondulares, de homens e mulheres de todas as idades, participam da união entre Povo, Natureza e o Ser Superior.

Cada canto e dança registra um foco da cultura, agradecimento, esperança, e a segurança grupal trazida através dos cantos do Toré, de mutirão e os cantos domésticos, que poderemos citá-los em outro projeto.

DANÇA CIRCULAR

A forma de dançar o canto acompanha os movimentos dos fenômenos, a estrutura arredondada da Terra, Sol e Lua, com as mãos dadas no Toré é a união grupal pela tradição, pisando no solo sagrado com pingos de suor no esforço coletivo de afirmação étnica Kariri Xocó. A vida é um círculo naquele momento pelas pessoas presentes, tradição educativa que será continuada no futuro por outros índios da tribo. O cenário será outro, pelo quadro conjuntural, mas os princípios indígenas vêm de uma tradição milenar. Cantar e dançar por prazer, lazer e espiritualidade.

O QUE O CANTO TRAZ

Para haver um Toré, é necessário ter um motivo de alegria, na agricultura, por exemplo: os agricultores, aprenderam essa atividade com outras pessoas da tribo, mas ele só será reconhecido pelo grupo, quando ele plantar, cuidar da lavoura pedir as bênçãos do Deus Criador, para ter uma boa colheita e apresentar no Toré, o milho bonito e saudável. Grande é o agricultor além de ser um bom chefe de casa, é também uma pessoa dedicada a sua religião, em pedir à chuva, além de presentear o grupo do Toré para comprovar à tradição perante a tribo. O canto atesta o sucesso de qualquer atividade cultural, artesanato, cerâmica, caça e pesca, eles sendo como a esperança, como diploma aprovativo para aquela vocação exercida.

OBJETOS DO CANTO

Temos o maracá, instrumento de cuité que inicia o ritmo do canto, o búzio, uma trombeta de facheiro marca a cadência do som, ambos elementos produzidos segundo modelo cultural, produzido pelo artesão para esta finalidade musical. Cantar Toré começa até mesmo antes de nascer, porque a gestante com a criança no ventre passa ao filho as emoções para o futuro componente tribal. Após o nascimento existe um Toré anunciando o novo membro da Tribo que receberá um nome e será reconhecido socialmente pelos parentes com uma dança. Portanto a música está presente em todo acontecimento constituindo um mundo cultural indígena, veículo expressivo e comunicativo.

A ESCOLA

Temos dois prédios, ambos levam o nome de Escola Pajé Francisco Queiroz Saira, em homenagem a uma antiga liderança que assumiu o posto de pajé com apenas 16 anos, e governou o grupo Kariri Xocó durante 64 anos. Porém, a escola indígena não equivale só aos prédios, o quadro é o cenário natural, onde os animais, plantas, e o rio são reais, vivos, faz parte da tradição. O que a sociedade nacional chama de educação, nós dizemos tradição. O Toré trás o relato desses eventos, no tempo e no espaço.

CANTO TRADIÇÃO EDUCATIVA

Os velhos e os adultos são espelhos no desenvolver do estilo de cantar e dançar o Toré. O Toré, pela beleza, fortaleza e proteção que existe na música indígena, abrange o mundo cultural da tribo. Porque aquele estilo observado pela criança quando o adulto cantava, harmonizou o grupo, dando alegria, pela boa colheita do feijão, pela boa caçada ou pescaria. É no canto do Toré que simboliza a alegria do dever cumprido, por seguir uma tradição onde todos comemoravam que a tribo está viva como povo. O pescador que empreendeu uma boa pescaria, oferece no Toré o produto do seu trabalho, onde todos os presentes, comem agradecendo, a pessoa abençoada pela tradição da pesca, que ele aprendeu com dedicação e vocação, a tribo se beneficiou, que agora foi comprovada sua atividade na cultura.

*EIA ! EIAÁ
Eiaê! Eiaá!*

*O COCAL É MINHA CASA
O cocal é minha casa
A maracá meu coração
A xanduca um instrumento
Um instrumento de união
Ou lei lá rá
A reia ráá*

*FITA VERDE
Minha gente venham ver.
Os caboco como canta!
Com um lacinho de fita verde,
Amarrado na garganta
Ou lei lá rá
A reia rá*

*GOSTO DE CANTAR
Estou cantando o meu Toré
Porque, eu gosto de cantar!*

*TORÉ NO PÉ CRUZEIRO JUREMA
Lá no pé do Cruzeiro Jurema
Eu danço com o meu maracá na mão
Pedindo a Jesus Cristo
Com Cristo no meu coração
Hááá
Eeia rá reiaá
A reia reiaá rá*

Quando
o índios viaja
fora da aldeia: o cocal
é o seu abrigo, o maracá,
bate com o seu coração, ele
acende o cachimbo Xanduca,
que atraí índios de sua tri-
boe de outras tribos para
uma união.

O índio, o caboco
do Nordeste, não fala mais
a língua materna, mas ainda te-
mos o canto. Através do Toré, nos-
sos antigos se comunicavam e nós
fomos obrigados a falar português.
Aceitar a língua do colonizador rep-
resenta na letra do Toré o laço
de fita verde amarrado na
garganta.

Quando os jesuí-
tas chegaram na tribo,
colocaram um cruzeiro de
jurema e catequizaram os índios
na cultura cristã, mas o índio já
cantava a sua tradição com o seu
maracá e Jesus Cristo ficou
em seu coração.

JUAZEIRO VERDE
Cadê Juazeiro verde
Tão verde na baixa vertente
Tão verde na baixa verde
A mará (é ruim)
Ai pá (derrubar a árvore)

O juazeiro é a esperança, o descanso.
É uma árvore que tem raízes profundas
na terra, mas se cortar o juazeiro, as
fontes das nascentes, faz secar o rio.
O branco escravizou o índio levando-o
para o engenho de cana-de-açúcar. O
índio foi embora, mas com a esperança
de ver o Juazeiro um dia.

NINHO NU WONHÉ (ÍNDIO QUER CANTAR)
(Índio, índio quer cantar
O baiano quer dançar) Bis
(Me respondeu a Cauã
O passarinho tá chamando) Bis

O índio gosta de cantar Toré, na luta.
Encontrou o negro da Bahia que dan-
çava muito o jogo de pernas, naquele
momento o pássaro Cauã cantou, eles
entenderam que o pássaro mandou o
negro e o índio unirem-se na luta.

O L L (Lá lá i rá cabelo da terra pequena)
Para cima pro sertão (Dona Tereza)
Dona Sereia eu vou me embora
Boywyró (vamos embora) Bora girar!

PANKARARU

Suzana e Fernando

Nosso território está localizado entre os municípios de Petrolândia, Tacaratu e Jatobá, Pernambuco. Nossa reserva é coberta de árvores, montanhas e serras verdes, com formatos significativos, diferentes, pedras desenhadas cobertas de águas cristalinas cedidas por Tupã, que nos presenteou com essa natureza. O Rio São Francisco abrilhanta o povo Pankararu com suas correntes de águas claras. Nossa população é de aproximadamente 8.000 índios, vivendo em aproximadamente 8.000 hectares de terra.

No final do ano é tempo do imbuzeiro ficar carregado de imbú. O índio que encontrar o primeiro imbu maduro devesse levá-lo para o terreiro do poente para realizarmos uma grandiosa e tradicional festa indígena, passada de geração em geração. Então o anúncio corre ligeiramente por toda a nação Pankararu. Ao som da gaita e do rabo de tatu começa a realização do FLECHAMENTO DO IMBÚ. Todos vão ao terreiro poente para ver vadiarem os Tananquiar. Os Tananquiar dançam e depois, ao som da gaita e do rabo de tatu, seguram um enorme cipó. Cipó esse que é tirado da mãe natureza para os Tananquiar segurar. Então os índios vão para o terreiro da nascente para realizar o flechamento do imbu e o puxamento do cipó. Chegando no terreiro, onde já estão dois paus enfiados na terra indígena Pankararu, prendendo o imbú. Começa o jogo de força e equilíbrio emocional. Aquele que tiver mais equilíbrio e melhor mira será o grande vencedor, o índio guerreiro. Após essa realização, vão todos os Tananquiar puxar o grande cipó. Dividem-se os índios, uns para cima outros para baixo. Começam a medir forças para ver quem terá mais força. A parte que vence sorri e a que perde diz que no próximo ano irá vencer. Ambas partes têm o significado para a CI NCIA. Se a parte de cima ganhar diz que o ano vai ser bom, já se a parte de baixo ganhar diz que o ano vai ser melhor, de muita safra, ano bom para o plantio.

Para o povo Pankararu, trabalhar a CI NCIA do cipó é muito importante para a valorização cada vez maior da nossa cultura indígena. É também uma forma de realizarmos a CI NCIA em atividades. Atividades essas, que são representadas por encantos de Caruá (Praia ou Tananquiar). Este que, para nós, revela a importância de passar um pouco mais sobre nosso Toré e a nossa cultura. Essa ciência é trabalhada na oralidade e na escrita. É muito gratificante poder falar mais sobre a cultura indígena dos Pankararu. Realizamos nosso Toré em forma de brincadeira, que nos faz valorizar cada vez mais os Tananquiar (Praias).

A IMPORTÂNCIA DO TORÉ

O som do Toré faz com que os índios vibrem pelas graças concebidas por Tupã (Deus). Para nós índios participar de um Toré é muito gratificante. Podemos soltar a voz que está dentro de nós. Dançar o Toré é a forma mais concreta de agradecer a Tupã. A dança também nos passa o poder da presença de Tupã. É uma forma de comunicar-se com Tupã. O Toré tem vários significados e interpretações. Suas letras nos revelam seus mistérios, os significados de suas letras falam da mãe natureza, dos pássaros, dos segredos religiosos e dos sentimentos tristes e alegres. A pintura corporal é símbolo fundamental e desejado em nossas danças.

É através da fumaça do campião (cachimbo), que agradecemos uma graça concebida para aqueles que acreditam na força do campião para curar as pessoas. A fé indígena é grandiosa e rica, pois mostra o quanto é importante o Toré na vida das pessoas.

Passarinho tá cantando. Oi passarinho tá cantando!

Mas oi passarinho. Heinahá!

Passarinho do Tamarindo. Heinahá!

Mas oi passarinho. Heinahá!

Não nege nada a mim. Heinahá!

Passarinho do bebedor. Heinahá!

Passarinho do Tamarindo. Heinahá!

Passarinho do pé do milho! Heinahá!

Um canta papo cheio. Heinahá!

Outro papo vazio. Heinahá!

Valei mais Tupã....

*Estava nas matas, estava nas matas
Tirando mel, tirando mel.*

Mas oh, quem chegou? Os Pankararu!

Mas oh, quem chegou? Os Pankararu!

Mas quem tá cantando? Os Pankararu!

Mas quem tá cantando? Os Pankararu!

Mas quem tá pisando? Os Pankararu!

Mas quem tá pisando? Os Pankararu!

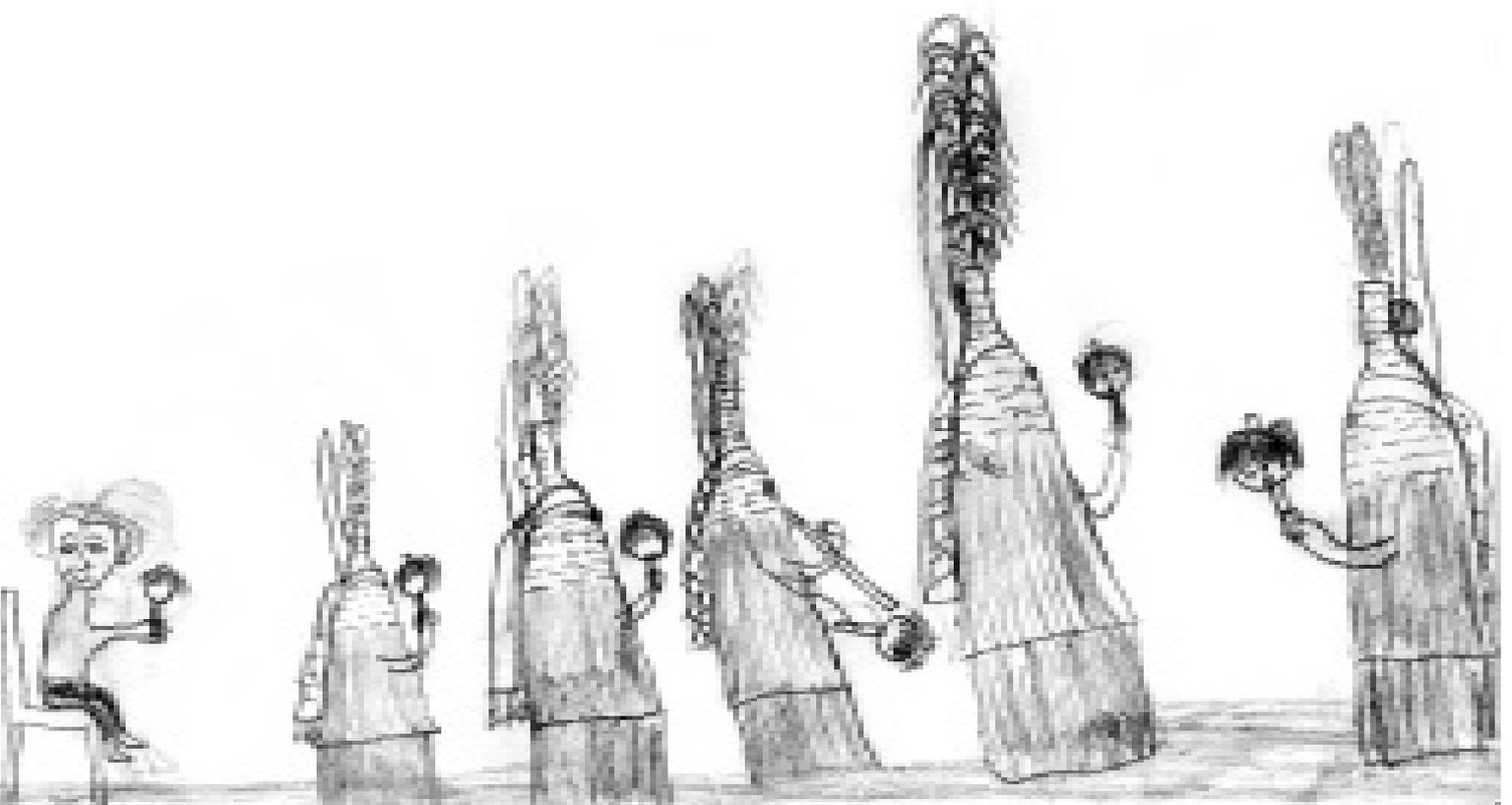
Mas quem tá dançando? Os Pankararu!

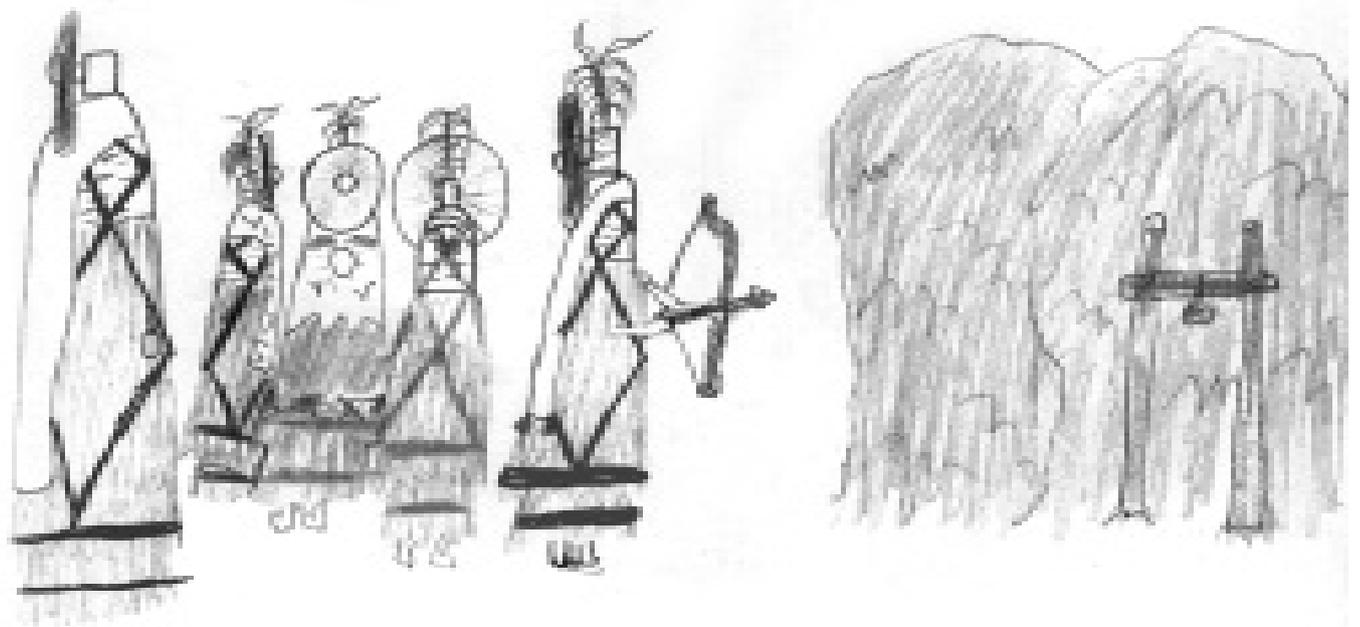
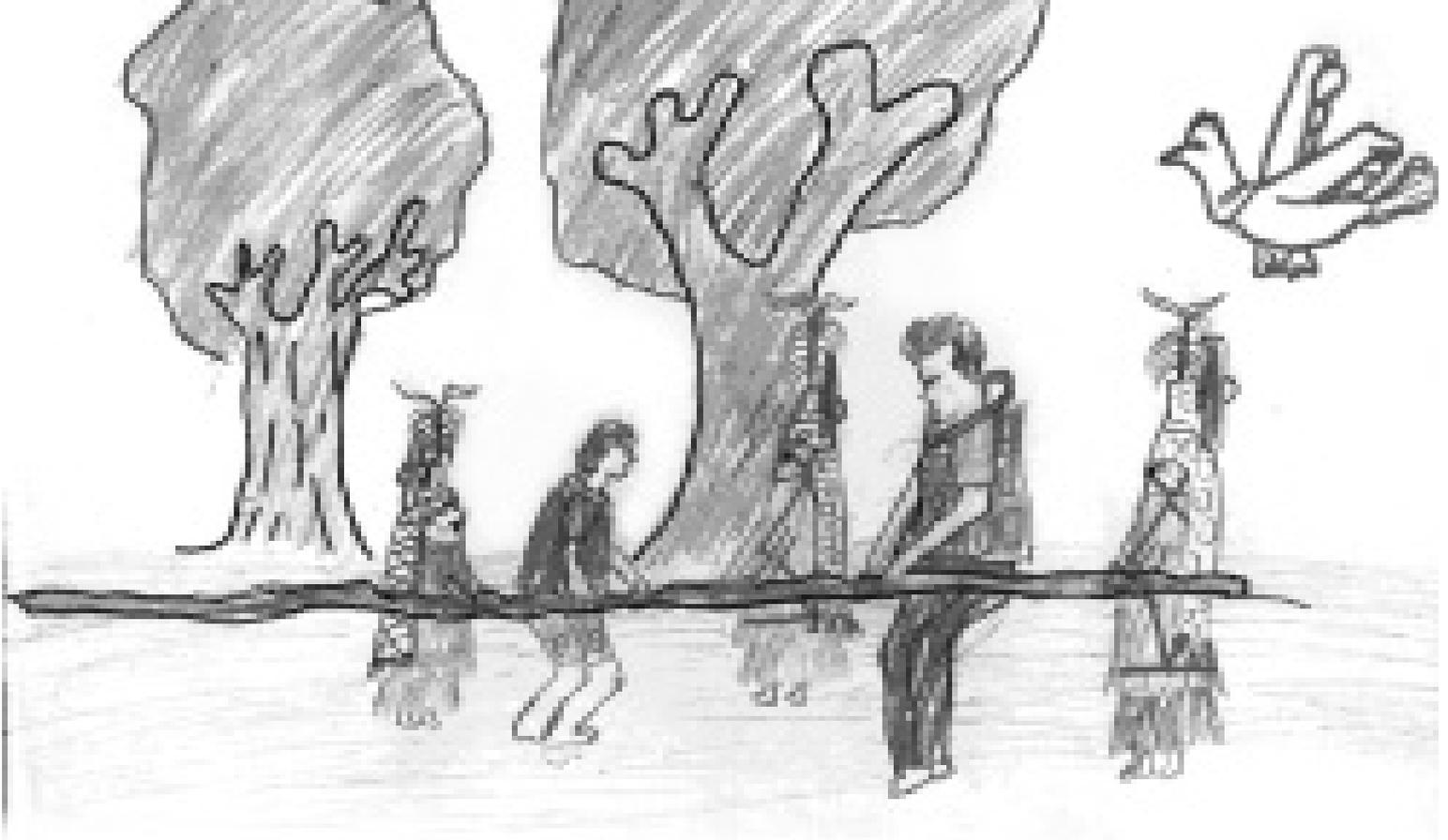
Mas quem tá dançando? Os Pankararu!

*No caminho da Serrinha.
Eu mandei foi ladrilhar.
Com ouro e prata fina.
Para os encantos passar*

No caminho da Serrinha é um Toante que nos fala dos nossos encantos de luz, da fé e do valor que os Praiá tem pra nós. Com este toante podemos trabalhar também a geografia, nossas Serras, nossos rios, nosso solo, toda a vida da aldeia. As crianças fazem os seus comentários, escrevem e desenham. Cantar e dançar é uma forma de reforçar nossas tradições. É preservar de fato, por que a criança tem uma memória boa e conseguem fazer uma interpretação rápida e coerente com a nossa realidade.

*Papagaio Verde amarelo que cantou em cima da serra
(Batam palmas e dêem vivas! Os caboco estão na terra!)*





XUCURU KARIRI

Tânia

Para nós o Toré é uma das
çãõ dos povos indígenas, tan-
com a humanidade.

principais formas de comunica-
to com Deus natureza quanto

O canto é a principal manifesta-
identidade. Cantando é a nossa
aquí! Sobrevivemos e nada vai nos calar!

A cada canto nos tornamos mais fortes para continuar cantando nossas
culturas e buscando nossos direitos para vivermos com dignidade.

Durante milênios vivíamos felizes, daí então, vieram as invasões
trazendo dores, já vivemos 500 anos de massacres e perdas ir-
reparáveis como a nossa língua indígena. Resistimos e agora o
que nos vai impedir de continuar vivendo por muitos milênios
felizes e em paz?

O POVO XUCURU-KARIRI vem da união das duas
etnias Xucuru e Kariri, essa união se deu através de
casamentos.

Meu povo Xucuru-Kariri fica localizado no município
de Palmeira dos Índios com aproximadamente 500
famílias aldeadas e 500 famílias desaldeadas que encon-
tram-se na periferia da cidade, parte dessas famílias sobre-
vivem de artesanato. Alguns são funcionários públicos, outros
aposentados e o restante vivem da agricultura. Comercializamos
nossos produtos em Palmeira dos Índios e circunvizinhança; já o
artesanato não é valorizado pelos palmeirenses, as famílias que so-
brevivem do artesanato viajam para a capital do estado, Maceió, como
também para outras capitais como: Salvador, Recife, João Pessoa, etc.

Devido ao crescimento da população, nossa terra tornou-se pouca. Nosso
povo dividi-se em 06 comunidades: Aldeia Fazenda Couto, Aldeia Mata da
Cafurna, Aldeia Cafurna de Baixo, Aldeia Coité, Aldeia Capela e Aldeia
Boqueirã

O ARTESANATO

confeccionado por curi, bambu, e outros ambiente. Confeccionamos pulseiras, brincos, anéis, tangas, bustiês, xanducas, arcos e flechas, ocas, cantil, xixiá pauzinho de cabelo, colares, cocares e outros de acordo a criatividade para comercializar, fazemos a farinha e

O público que mais compra o nosso artesanato são estudantes, uma vez que fazemos trabalhos nas escolas tipo palestras sobre a forma de organização de vida dos Xucuru-Kariri e sobre nossa história.

nós é feito de sementes, madeira, palha de ouri-materiais dependendo da generosidade do meio onamos pulseiras, brincos, anéis, tangas, bustiês, xanducas, arcos e flechas, ocas, cantil, xixiá pauzinho de cabelo, colares, cocares e outros dade do artesão. Quanto à agricultura plantamos banana, batata doce e macaxeira da qual também comercializamos dentro e fora da aldeia.

A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA.

Só no início do 1º semestre é que programo tudo e depois à aprendizagem vai acontecendo conforme as necessidades, as dificuldades, os experimentos e a cada dia vai sendo construído um trabalho. Estes trabalhos constróem um alicerce que fica, que vai com certeza fazer nossos alunos terem uma visão crítica. Assim, nossos alunos vão pesquisar sempre que precisar saber alguma coisa, botar a mão na massa para ver o concreto armar.

- Planejo minhas aulas todos os dias, sempre em seqüências.
- Como toda criança gosta de dar uma de repórter e trás para a sala de aula tudo que é interessante para ela, aproveito tudo que elas trazem. É prazeroso e gratificante participar do entusiasmo do aluno, para isso basta valorizar os seus conhecimentos.

Por exemplo: o - Tia, meu pai vendeu Eu entro no entusiasmo com sua roupa a turma para partici-

aluno chega todo feliz: muito artesanato e comprou uma roupa pra mim! asmo dele e digo: - Que maravilha! Amanhã nova que queremos ver. Aproveito e jogo toda par daquela alegria.

Pergunto: - Que tipo de artesanato seu pai faz? Ele responde: Cocar, cabaça, colar, brinco, lança, etc...

Faço uma lista com os nomes dos artefatos e começamos a explorar letras, sílabas. Também aproveito o material usado na confecção e formulo algumas questões. Onde se busca? Como se faz? Será que seu pai pode vir aqui fazer uma peça com a gente? No final da aula vamos todos para a casa da criança convidar o pai, assim a criança sente-se um herói.

Assim também quando a criança diz: Tia, meu pai chegou bêbado em casa e quebrou tudo e botou nós pra correr, logo percebo que a criança traz aquela denuncia em busca de socorro, ele quer compreender o porque daquela situação. Daí então, conto uma história de uma suposta família idêntica aquele acontecimento, que fala do alcoolismo, o que, e porque aquilo acontece. Em seguida o gelo é quebrado com um Toré, vamos cantar e dançar. Dirigindo-me sempre para aquela criança, não deixo espaço para ela ficar triste. Também convido aquele pai para o debate na escola sobre várias situações do alcoolismo.

Os trabalhos de pesquisa são fundamentais, principalmente fora da escola.

Levo meus alunos às outras comunidades, tanto de nossa etnia como outras, desde o momento da criação e discussão da idéia até a conclusão, tudo é de prazer.

Experiência de alfabetização - 1º Semestre

- Objetivo: levar a criança a aprender ler e conhecer o alfabeto usando o canto (Toré).

Depois da invasão e depois do decreto, na época de Marques do Pombal, os índios foram obrigados a deixar de falar a língua indígena e forçados a aprender a língua que hoje falamos. Daí então a fita amarrada na garganta. Segundo meus antepassados existiram índios que rejeitando a troca de linguajar passaram apenas a se comunicarem através do Toré e assim passavam para seu povo os avisos e orientações sem que os invasores compreendessem. Mesmo diante de todo desespero o espírito divino que existe dentro de nós, enchia-nos de esperança e cantávamos como se tudo não passasse de um pesadelo terrível, e a cada amanhecer cantávamos com mais entusiasmo e esperança.

Ex: escrever a letra do Toré conhecido por eles.

Minha gente venha ver
Os caboclos como cantam
Com um laço de fita verde
Amarrado na garganta
You you lê lara
You lê lê lê lê arrieia aira

- Cantamos o Toré frase por frase
- Exploramos palavra por palavra
- Falando sempre o nome de cada letra e o som da sílaba.
- Cantando sempre o som da sílaba
- As letras que se encontram no texto do Toré são exploradas através de frases.

Apresentar o Toré para o vovô que vem palestrar na escola e falar sobre a mensagem que o Toré passa, as novas perguntas e suas respectivas respostas são incluídas em trabalhos de grupo, sempre escrevendo e falando o nome das letras e os sons das sílabas.

Educação Diferenciada Indígena.

Para nossa educação ser diferenciada, nós, professores indígenas temos que nos conscientizar sobre o ser diferente, refletir sobre nosso modo de pensar para poder agir. Precisamos experimentar nossas idéias e procurar ter bastante firmeza na hora de passá-las para nosso aluno.

Avaliação

Para mim esse projeto, além de vir me fortalecer, é uma oportunidade de mostrar nossas idéias e mais uma forma de colocá-las em prática. Espero que não pare aqui, mais que esse projeto venha crescer muito e fortalecer outros professores e professoras que já fazem esse trabalho como eu faço e venha levar outros professores a experimentarem as nossas experiências. A equipe geral foi maravilhosa.

Sou índia Xucuru Kariri da aldeia Mata da Cafurna, trabalho com mais 5 professoras.

*Boa Noite meus Parentes! É por que chegou a hora!
Boa Noite meus Parentes! É por que não é nada!*

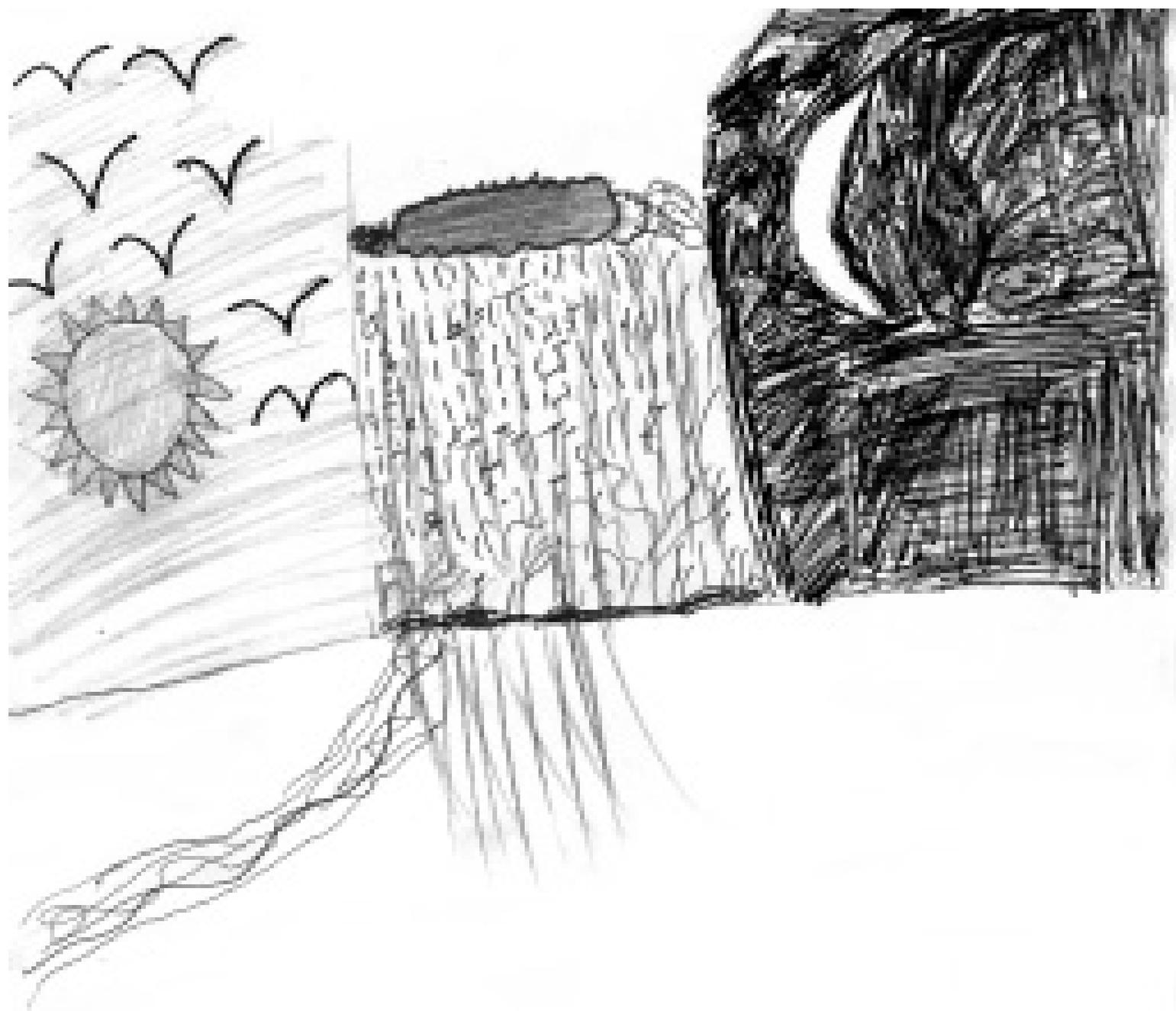
lo lo Le laiá

Nós viemos de Aruanda

Heiahá, Heihi!

Toré “Reyou reyá”

Esse Toré representa a identidade do nosso povo, passado de geração para geração. O orgulho de ser Xucuru-Kariri, assumir sem mácula, passar essa resistência para nossos descendentes. Existem vários Toré cantados no idioma indígena, essa comunicação é entre nós e Deus. Já outros que são cantados em língua portuguesa ajudam passar nossas mensagens para nós mesmos e os não índios.



Este trabalho procurou compreender e sistematizar a educação escolar indígena e a parte da prática pedagógica vivida entre o povo Truká, cuja política educacional proposta é baseada nos eixos que norteiam a nossa educação: Terra, Identidade, Interculturalidade, História e Organização.

Do orgulho de ser uma Truká, nasceu o meu interesse pela construção e elaboração deste trabalho. Minhas inquietações provocaram a realização do mesmo, permitiu-me conhecer novos parentes, participar e socializar as experiências da prática pedagógica e da história do meu povo, e também conheci um pouco da história de outros povos.

A Constituição Federal de 1988 garante nossos direitos, nossa autonomia nas comunidades e organizações e reconhece, nos art. 210, 231 e 232, os nossos direitos de mantermos nossa identidade cultural, uso da língua materna e processos próprios de aprendizagem.

Após a Estadualização das escolas indígenas, a educação escolar indígena tem sido, cada vez mais, objeto de estudo e investigação. Em Pernambuco, há esforços da Secretaria Estadual de Educação para desenvolver ações no sentido de implementar uma política educacional diferenciada, mas na prática vêm-se resumindo em atividades fragmentadas, intermitentes que sofrem a descontinuidade, principalmente com mudanças eleitorais. Estamos em processo de reelaboração cultural, incorporamos a escola no nosso projeto de vida, incentivando e atribuindo ao processo de educação escolar a formação de guerreiros. Acreditamos assim fortalecer a identidade étnica, valorizar nossos saberes e assim contribuir para o nosso projeto social.

A educação é um direito, mais tem que ser do nosso jeito. Para nós Truká, a educação específica e diferenciada é um projeto em construção, em que desafios precisam ser enfrentados; lacunas preenchidas e possibilidades potencializadas para o nosso pleno desenvolvimento.

É importante que a sociedade brasileira compreenda que o resgate de uma cultura eleva o patamar de uma sociedade, de um povo, abrindo novas possibilidades de ser, além de campos de estudos para historiadores, antropólogos, professores, psicólogos, e muitos outros profissionais sensíveis à causa dos povos indígenas.

A Terra é conteúdo substancial no processo educativo do povo Truká. Ela é o lugar de moradia onde se garante a sobrevivência simbiótica com a Mãe Natureza.

O povo Truká, fica localizado na Ilha da Assunção, município de Cabrobó no sertão de Pernambuco, a cerca de 550 km da capital do Estado. Somos uma população de aproximadamente 4.200 índios distribuídos em 18 aldeias. Temos um quadro de 46 professores, 13 escolas e 800 alunos de 1^a a 4^a série do ensino fundamental e somos os maiores produtores de arroz no estado de Pernambuco.

Para nós Truká, o Toré é o ritual principal que nos identifica e fortalece o nosso corpo e nossa alma. É uma forma de comunicação com Tupã, com os encantos e a natureza, é respeitado como a ciência sagrada para nós. É um momento de fortaleza espiritual onde buscamos a força e luz, e agradecemos pelas conquistas e pedimos força e sabedoria para combater o mal. É uma forma de valorizar a identidade e dizer que resistimos e vamos continuar dançando o Toré, nada irá nos calar, vamos continuar vivendo do nosso jeito; assumindo a nossa identidade, pois, o verdadeiro índio balança seu maracá e dança seu Toré para fortalecer a cultura com espírito de guerrear para defender o nosso povo.

Como Truká e professora, trabalho com os valores pertinentes à cultura do Toré para que nossas crianças percebam, compreendam e valorizem sua importância e tenha orgulho de dizer que é um Truká e que dançar o Toré é uma forma também de aprendizagem para fortalecer a luta e que essa luta implica na questão da Terra, Saúde, e Educação.

Basicamente, a Educação do povo Truká perpassa um processo de grande mudança e inovação na prática pedagógica, uma vez que hoje vivenciamos a educação específica e diferenciada dentro da realidade do nosso dia a dia de forma interdisciplinar.

Quando eu e os outros professores nos reunimos para construir a música Velho Chico, refletimos de que forma ela contribuiria a nível de conteúdo dentro do currículo diferenciado para informação, formação e construção de conhecimentos para a vida no espaço da sala de aula.

Entendemos que a criança Truká aprende também fora da sala de aula, quando vai para a roça com o pai, no terreiro dançando Toré, na luta pela retomada da Terra e todos esses espaços são de aprendizagem para as crianças com a consciência de que são os futuros guerreiros da Aldeia Truká. Nós também trabalhamos o Toré através da dança, do exercício físico e mental. Os alunos também escrevem as linhas de Toré e as lêem, desenvolvendo cada vez mais a sua cultura, perdendo a vergonha de dizerem quem são dando força para o trabalho da comunidade e da escola.

Uma demonstração de nossa produção artística literária musical, foi a produção de paródias para o projeto “Cantando as Culturas.” Em relação à letra da música Velho Chico, nós professores pensamos que seria interessante nos debruçar e dar mais atenção na questão do Rio São Francisco, pois ele banha e enriquece a nossa aldeia, sacia a nossa sede, mata a nossa fome quando sua água molha e floresce nossa agricultura e colhemos o alimento, é no Rio que pescamos o nosso peixe. Precisamos cuidar do Rio, e se nós não preservarmos o Velho Chico, ele poderá morrer e sem ele morremos junto com ele. Vários são os motivos de termos orgulho de dizer que somos Truká, que moramos numa ilha com 7.200 ha de terra rodeada de água e 85 ilhotas que são no meio da água. O Rio é uma veia que deságua na nossa vida. A Água e a Terra são fontes de vida para nós Truká.

“VELHO CHICO”

O povo Truká
Vive para fortalecer
Reivindicando os seus direitos
Na certeza de vencer

O povo Truká
Está sempre a lutar
Conquistando o seu espaço
Para a vida melhorar

*Deságua Velho Chico
Velho Chico a desaguar
Levado as suas águas
E nas ilhas a se encontrar*

A Ilha da Assunção
Tem valor e tradição
E a história do Truká
É o orgulho da Nação

O Toré é nossa vida
Dançamos para agradecer
As vitórias que Tupã
Manda para nos proteger

O povo Truká
Vive da agricultura
Tirando o seu sustento
Fortalecendo a cultura

A religião
É o ritual do Toré
E os encantos nos protege
Nos dando força e fé

O Rio São Francisco
Protege a natureza
Bebemos a sua água
Pois é fonte de riqueza

O povo Truká
Luta para ver crescer
E formar novos guerreiros
Para a aldeia florescer

A segunda música construída pelos professores da área de cima, usa a melodia de um bendito. Para alguns, a paródia tem a melodia de um bendito de Santa Luzia e para outros de um bendito de Nossa Senhora de Assunção. O mais importante é que a mesma foi uma produção dos professores em homenagem a Acilon Ciriaco que é símbolo da história de luta do povo Truká. Ele foi um dos guerreiros que juntamente com Antônio Celiro, Deodato, e outros, se organizaram e foram ao Rio de Janeiro. Lá encontraram o Marechal Rondon que muito ajudou na busca de documentos que comprovassem a existência do território Truká. Não foi fácil, eles enfrentaram várias dificuldades, sofrimentos e humilhações para conseguir a conquista da terra. E assim a aldeia foi registrada por eles pelo nome Truká.

HOMENAGEM A ACILON CIRIACO

Eliana Gonzaga

A vida de Acilon é a história de Truká.

Ele lutou pela terra não foi fácil conquistar

Ele lutou pela terra não foi fácil conquistar

Terra longe e distante era o Rio de Janeiro.

Passou por dificuldades nessa terra estrangeira.

Pra falar com Rondon lá no Rio de Janeiro

Pra falar com Rondon lá no Rio de Janeiro

O percurso era tão longe pra no destino chegar.

Ir à pé a Petrolina pra o vapor pegar

Ir à pé a Petrolina pra o vapor pegar

Pelo rio ele seguia, pois temos que preservar.

Pois foi através do mesmo que Acilon chegou lá.

E registrou a aldeia pelo nome Truká

A linha de Toré, Reina Assunção, Reina Truká, é um dos cantos do ritual que fortalece o nome da aldeia e o nome da ilha da Assunção que é nome da Santa de devoção do povo Truká, é uma forma de dizer Viva Assunção! Viva Truká!

*Reina Assunção
Reina Truká
Lá na aldeia dele
Só se chama Juremá
Ai na eina
Ei na ei naô
Ai na eina
Ei na einaô*

*O meu penacho, ele é de pena de êma
O meu penacho, ele é de pena de êma
Já a minha tanga é enrolada de jurema
Já a minha tanga é enrolada de jurema
É de jurema, é de Jurema
É de jurema, é de Jurema
É de Jurema meus caboclo é de Jurema!
É de Jurema meus caboclo é de Jurema!*

*Cadê meu qüaqüi? Cadê o meu maracá?
Cadê meu qüaqüi? Cadê o meu maracá?
Cadê meu qüaqüi? Meu qüaqüi taquaraquái
Cadê meu qüaqüi? Meu qüaqüi taquaiquaraquái*

O qüaiquí e o maracá são intrumentos que representam força no nosso povo, pois ao longo do tempo que nos acompanha e resistem a preconceitos e mudanças, novas tecnologias foram adotadas, porém o qüaiquí que representa a essência do espírito, a cura, o chamado dos encantados e o maracá que faz o nosso coração vibrar quando balançamos, resistem firmemente, mantendo nossos costumes vivos.

No CD apresentamos três linhas de Toré que nos foram presenteadas pelo Capitão Truká, Deodato dos Santos, na Ilha da Assunção, território Indígena Truká, no dia 26 de maio de 2004, na Escola Militão Primo dos Santos, na Aldeia Jibóia.

TUMBALALA

Cecília

A Educação Indígena possibilita uma relação entre escola, comunidade e a vida. Trabalhando com um currículo desenvolvido a partir da realidade da aldeia. A educação diferenciada indígena na Aldeia Tumbalala está em fase inicial em que a educação, enquanto instituição, que por sua vez, entra em contradição com a nossa luta pela sobrevivência e pela terra, por direitos, pela nossa identidade. A educação está sendo pensada em conjunto envolvendo educadores, alunos, e comunidade, pensando assim aplicar este material como um apoio pedagógico partindo dos conhecimentos tradicionais associando conhecimentos com outras culturas semelhantes, envolvendo disciplinas e sistematizando conteúdos como geografia do local onde vivem, clima em ciência (botânica), conhecendo os ciclos da natureza, fauna, flora, as montanhas, os rios, os peixes. Identificar doenças através dos sintomas e conhecimentos históricos na nossa visão de índio, entender e explicar remédios com ervas, a origem do mundo, da sociedade, dos mitos que são passados de geração em geração. Na matemática aproveitaremos para envolver cálculos com exemplo na agricultura local, época da colheita os frutos que são colhidos, à terra que é trabalhada, mensurada e aplicar o português à partir do canto para ler, entender, produzir. Tudo a partir do entendimento da criança e da realidade do contexto indígena em que ela vive.

A Aldeia Tumbalala está localizada no norte da Bahia em dois municípios: Abaré e Curaçá. O Toré é uma prática ritual da fé indígena, a fé em Deus, do respeito a natureza, e amor ao próximo, o canto fala dos pássaros, da terra, da água, da natureza, e dos nossos antepassados.

Temos fome de alimento espiritual e saciamos esta fome com os cantos, e as danças do Toré que é a nossa esperança, e a esperança é a única que não morre, ela permanece viva, vira raiz, eu vou morrer e a esperança continua, não em mim mais em quem fica e minha esperança é que a nossa voz ecoe para os filhos da nossa terra que se espalhe e que os ventos carreguem para os quatros cantos do mundo servindo de alimento para espírito, assim como o pão é para o corpo, é o Toré para nós, nos completa em corpo e alma.

Lembrando que estes pontos estão como apenas ponto de partida, devendo assim o professor aprofundar sua idéia junto aos alunos, lideranças e comunidade, e as reflexões devem ser acrescentadas a partir do entendimento das crianças e de sua realidade, podendo ampliar seus novos conhecimentos e informações de forma dinâmica e lúdica.

*(Caboco Que Não Tem Fé
Como Pode Trabalhar) Bis
(Tem O Arco Tem A Flecha
Na Hora De Trabalhar) Bis
(Tuxi, Tuxá Ô Tumbalala
Tuxi, Tuxá Nação Truká) Bis*

Refletindo e questionando:

- Quais são os povos indígenas da Bahia?
- Como é a relação hoje dos povos Tuxá e Truká com o povo Tumbalala?
- O que representa a união dos povos indígenas?
- este canto mostra a religiosidade, pondo a fé como aliada no trabalho Indígena e os adereços
que o índio leva para o trabalho e usa no cotidiano.
- Qual sentido tem o Toré e o que é fé para você?
- O que representam o arco e a flecha?
- Que outros artefatos tem importância na nossa cultura?

*Cadê meu maracá que eu quero trabalhar
Cadê meu maracá que eu quero trabalhar
Eu quero trabalhar na aldeia Tumbalalá
Eu quero trabalhar na aldeia Tumbalalá*

*Eu sou é um índio
Eu trabalho no ar
Eu sou é um índio
Eu trabalho no ar
Mais eu trabalho é na aldeia
De Tumbalala
Eu trabalho é na aldeia
De Tumbalala.*

- Com esse canto, trabalhado em sala de aula podemos partir para seguinte reflexões:
- O que é ser índio?
- De que trabalho fala este canto?
- Qual trabalho fornece alimento para o corpo?
- Qual trabalho fornece alimento para o espírito?

As reflexões devem ser acrescentadas pelo professor, a partir do entendimento das crianças e de sua realidade.

Ser índio envolve toda uma tradição historicamente construída por um povo. A nossa cultura e o uso dela é uma forma de expressão e liberdade que se limita quando transpõe fronteiras criadas por uma sociedade cheia de preconceitos e imposição ideológica, que avança em direção contrária aos nossos modos de vida. Dar-se aí a necessidade de uma educação escolar diferenciada, partindo do concreto conhecimento histórico milenar, ampliando para o abstrato, desconhecido, profundo, porém necessário.

Os nossos costumes, nossa maneira de pensar e agir é o que nos difere das demais culturas, e essa pluralidade de mundo que nos encaminha para o preparo de uma educação que ajude as crianças a manter na cultura viva e a descobrir sua potencialização dentro de sua comunidade e sua participação enquanto morador da Terra Mãe.

É importante lembrar que este livro está nos ajudando a incentivar este ensino diferenciado, motivando-nos a não nos entregarmos à sociedade capitalista e opressora, mais graças à Deus nós somos um povo resistente e forte. É através desta força que alcançaremos o que desejamos.

Trupelar é um chamado especial para os índios Tumbalala. Se unir na aldeia e com o seu povo pelo bem comum, e através do canto do Toré nos fortalecemos como membros vivos de uma Nação.

Vivemos nossas alegrias e agradecimentos nos cantos e nas danças, que faz a ligação entre o homem e a natureza passando uma mensagem de amor e respeito pela nossa criação. Aldeia é a nossa vida, temos nela, não só o grão de terra, mais o céu, as estrelas, a lua, e o sol, o vento, à água, tudo temos na nossa aldeia ela nos completa, sabemos que muita coisa mudou na aldeia e esta mudança custou vidas inocentes, porém guerreiros fizeram e se fazem continuamente para manter forte a vontade de viver. Não é possível falar em diversidade cultural e pluralidade sem respeitar as diferentes formas de culturas que identificam um povo, uma nação sem valorizar toda a riqueza da diversidade.

*Trupela, Trupela, Trupela, Trupela
Trupela, Meus Caboclos Na Aldeia
Na Aldeia, Na Aldeia, Na Aldeia
Na Aldeia, Meus Caboclos Na Aldeia
Na Aldeia Meus Caboclos Na Aldeia.*

- Qual o sentido da palavra TRUPELAR para você?
- Como vivemos hoje na aldeia Tumbalala?
- Como vivíamos antigamente?
- Qual o sentido do Toré para sua vida?

*Passarinho Verde saia das matas
Passarinho Verde saia das matas
Saia das matas e vamos trabalhar
Vamos trabalhar na aldeia Tumbalala*

*Na minha aldeia têm têm
Na minha aldeia têm têm
Têm caboco índio que trabalha bem
Têm caboco índio que trabalha bem
Têm, têm, têm, na minha aldeia têm têm*

*Quando no pé do Cruzeiro bebendo meu anjúca
Quando no pé do Cruzeiro bebendo meu anjúca
Oi quando eu pego na cabaça da ciência eu quero embalar
Oi quando eu pego na cabaça da ciência eu quero embalar*

*Adeus adeus adeus que eu me vou.
Adeus adeus adeus que eu me vou.
Eu vou pra minha aldeia meu jardim de flôr
Eu vou pra minha aldeia meu jardim de flôr
Naê, naê, naê, naê, naôa, naê, ê, não*

*Eu tava no meio das matas
Eu tava no meio das matas
Pra quê mandou me chamar
Pra quê mandou me chamar
Eu vim foi beber jurema
Eu vim foi beber jurema
Forgar mais meu velho Ká
Forgar mais meu velho Ká*

Este canto não só fala das matas, mas do processo de invasão colonial e de catequese de morte cultural, é um apelo! Por que tiraram nossos costumes? Só nós queríamos nossos rituais e crenças?

A vegetação da Aldeia Tumbalala é típica do clima e na terra existe várias espécies de plantas e cada uma dessas espécies tem sua função.

Algumas dessas plantas existem até hoje, e há nativas juntas com outras vindas de outros lugares formando assim sua beleza natural e concentrado no seu meio de animais, insetos seres vivos que sobrevivem das plantas formando o nosso ambiente natural, que nos trás a sombra alimentos, paz e respeito, nos faz crer que a existência de Deus é real e profunda em nossas vidas.

Por isso agradecemos pela água, pela sombra, pelo fruto, pela cura, e pelo espírito de paz e respeito que temos pela natureza porque se cuidarmos dela estamos cuidando de nós mesmos, pois fazemos parte dessa natureza.

Então, pensando nos seguintes pontos a serem compartilhados:

- Qual mata nos pertence hoje?
- Como se encontra a questão territorial em nossa aldeia?
- Qual a relação entre o homem e a natureza?
- Como se encontra o ambiente em que você vive? E a questão territorial do nosso povo?
- Qual espécie de fauna e flora de nossa área resistiu com o tempo e quais não resistiram?
- Quais foram e quem são os atuais guerreiros Tumbalalá?
- Como é feito o trabalho com a Jurema?

“ Por muitas vezes fomos obrigados a manter o silêncio da nossa voz, e da pisada dos nossos pés, nós rompemos com o silêncio com a sonorização dos nossos maracás.”(Maria José Marinheiro).

INTRODUÇÃO

A cultura indígena deve ser preservada em virtude de tratar de um povo diferente que vem sofrendo muita influência, da sociedade dominante local, regional e nacional. Portanto, juntamente com os meus alunos pesquisamos com os anciões da comunidade, analisamos documentos, produzimos textos, indumentárias e músicas.

JUSTIFICATIVA

Após os acontecimentos em 1500, a cultura do povo hoje conhecido como Pataxó Hã-Hã-Hãe, passa a ser marcada por pressões e violências infligidas ao nosso povo pelas elites dominantes.

Desde o momento (início do séc. XX) do aldeamento forçado pelo SPI (Serviço de Proteção ao Índio), nossa organização social foi se desagregando e nossas vidas submetidas a normas burocráticas e administrativas do funcionamento do posto indígena. Apesar desse quadro de desestruturação sociocultural, que levou a perda da nossa língua e ao abandono forçado de muitas das nossas tradições culturais, tivemos força para lutar pela reafirmação e preservação do aparentemente pouco que existia da nossa cultura étnica e recuperação ambiental para o nosso povo. Acreditamos assim buscar e não só garantir um espaço produtivo, mas, sobretudo a recriação do nosso universo simbólico a partir da relação Terra-Mãe.

Nós Pataxó Hã-Hã-Hãe, depois de termos enfrentado diversos tipos de torturas conseguimos retomar a preservação e reafirmação cultural para nosso povo, a partir da reocupação de nossas terras, em maio de 1982, tomamos amplo conhecimento das diferentes etnias que constitui o nosso povo e mesmo com tanto sofrimento, temos dado conta que compartilhamos a mesma história de vida! Por isso, juntos com os meus alunos da 1^a, 2^a e 3^a série da Escola Estadual Indígena Caramuru no município de Pau Brasil resolvemos pesquisar, procurando melhor entender nossa história e assim ampliar os nossos conhecimentos para que não hajam esquecimentos da nossa história que é tão sofrida mas muito valorosa para nosso povo.

DESENVOLVIMENTO

Diante da execução deste projeto, desenvolvi na prática pedagógica várias atividades como: entrevista com pessoas da comunidade, assistimos fitas de vídeo, referente a cultura indígena produzimos Tohé, pintura corporal, dançamos juntos transformamos a sala de aula em um espaço cultural através da conscientização da comunidade e a prática da cultura indígena.

Procuramos o cacique, Gerson Souza Mello Pataxó o mesmo forneceu as fitas de vídeos produzidas na comunidade e outras produções sobre a cultura indígena. Produzimos textos, confeccionamos artesanatos e recebemos visitas dos anciões na sala de aula, nesta oportunidade conversamos sobre o resgate do nosso idioma. Essas atividades foram desenvolvidas objetivando melhorar a cada dia a minha prática pedagógica ampliando cada vez mais os conhecimentos culturais da comunidade e dos meus alunos.

OBJETIVO

Com este tema, preservação da cultura, pretendo realizar e esclarecer a importância da sabedoria dos ancestrais usando a conscientização da cultura para nossa comunidade.

Tentando dizer que a cultura significa a identidade étnica desse povo, pois mesmo com os esforços mais recentes dos Pataxó Hã-Hã-Hãe a cultura continua sendo pouco conhecida e são muitos pouco esclarecidos os conceitos vinculados a esse respeito.

Portanto espero que a escola realize um papel fundamental na formação de nosso povo para que a comunidade possa colaborar para boa construção de uma sociedade pluriétnica e pluricultural capaz de respeitar e conviver com diferentes normas e valores.

PROBLEMATIZAÇÃO

- Porque preservar a cultura indígena?
- O que fazer para preservar a cultura indígena?
- Como a não prática da cultura o que pode acontecer ao povo indígena?
- Em que o povo Pataxó Hã-Hã-Hãe vai se beneficiar com este projeto?

Na sala eu trabalhava de acordo com as matérias de estudo como por exemplo: português, matemática, história, geografia e ciências. Primeiro para mostrar como se trabalhar com cânticos indígenas usando a matéria portuguesa eu vou mostrar um modelo. Na música se eu estiver na minha aldeia brincando com maracá tem (três) frases que dão início das que vem em seguida, por exemplo: ITOHÃ, BEKOÍ, HANGOHO, MANGUTXAI. HÃMANGUÍ, BAWAÍ, PUHUÍ E KAPTXUAÍ. Eu escrevia, no quadro, com giz, para meus alunos. Por sua vez, os alunos escreviam nos cadernos deixando um espaço ao lado da palavra para escrever a tradução em português. Exemplo: ITOHÃ Céu, BEKOÍ Sol, HANGOHO Lua, MANGUTXAI Estrela, HÃMANGUÍ Mato, BAWAÍ Pedra, PUHUÍ Arco e Flecha, KAPTXUAÍ Panela.

O mesmo assunto pode servir de modelo para as outras matérias de estudo. Vamos para a Ciência. Depois de escrito a tradução em português eu pedia que os alunos prestassem muita atenção em cada palavra da tradução em português, que o mesmo teria ver com a Ciência. Em seguida eu mostrava porque. Eu dizia que a palavra Céu, Lua, Estrela e Sol tinham a ver com a Ciência porque foi obra criada por Deus, e que é uma Ciência que só Deus pode desvendar.

Já em Geografia, eu trabalhava o assunto da seguinte forma. Eu pedia aos alunos que observassem com bastante atenção que as palavras envolviam muito, tanto na parte indígena como na tradução portuguesa. Sem esquecer que havia diferença de letras tanto escrito em línguas indígenas como na portuguesa. Dando continuidade ao assunto anterior eu mostrava para os alunos, que a palavra BAWAÍ, e HÃMANGUÍ, PUHUÍ e KAPTXUAÍ, são obras da natureza e fazem parte do relevo geográfico. Eu mostrava para todos eles da seguinte forma, eu fazia perguntas para todos pedindo que só respondessem o que estivesse ao seu alcance.

Eu comecei com HÃMANGUÍ perguntando a eles: eles respondiam dizendo que seria mato; em seguida eu dizia para eles que a resposta estava exatamente certo e que por ser mato que a mesma palavra e as outras fazem parte do relevo geográfico. Eu dava para eles o exemplo, logo em seguida dizendo que o mato nasce na terra que o mesmo brota no solo. O arco e a flecha é feito de madeira de lei e que por sua vez a madeira é da natureza vegetal da Terra. E assim a pedra, a panela, é de obra diferente, mas não deixam de fazer parte da Terra. A terra e os minerais, por sua vez fazem parte da Geografia.

Em História eu trabalhava com eles mostrando como foi que as palavras indígenas que estudaram anteriormente foi criada, e por quem foi criado e quem dizia aquele dialeto, e porque? A importância daquelas palavras, e porque hoje no século XXI os filhos tem que estudar a cultura indígena. Então, junto com meus alunos eu resumia para eles todos os assuntos dado na sala de aula.

Os artefatos como: Maraca (instrumento musical), a tanga, o colar, o cocar, a borduna, o cachimbo. a pintura corporal, o arco e a flecha são todos instrumentos muito importantes na nossa comunidade, pois eles trazem para o nosso povo o fortalecimento da nossa luta e cultura tradicional.

Já a Matemática eu pedia que todos juntos contassem quantas letras teria nas palavras indígenas e na portuguesa eu verificava o caderno de cada aluno depois de tudo escrito, e avaliava a escrita e a leitura de cada um, acompanhava o seu desenvolvimento e sua aprendizagem tanto nas escritas como na leitura e todos eles não encontravam dificuldades para escrever e ler logo aprenderam com facilidade assim era a forma que encontrei para se trabalhar com os meus alunos na sala de aula e todos adoravam poderiam ser que até possa ter uma forma fácil de se trabalhar melhor de que essa forma, mas como professor não estaria ali só para ensinar para lecionar, mas assim aprender também junto com os alunos até para poder enxergar o quanto existe coisas muito boas e cheia de mistério eu deixo esta descrição dando inicio dos cânticos indígenas a seguir.

(Canto de abertura e fechamento do Toré Hã-Hã-Hãe)

*Na minha aldeia tem
Belezas encantadas!
Eu tenho arco, eu tenho a flecha,
Eu tenho raiz para curar!
Viva Jesus! Viva Jesus!
Viva Jesus, que nos veio trazer a luz.*

*Tihí Pataxó Hã-Hã-Hãe hameá no hamanguí
Tihí Pataxó Hã-Hã-Hãe hameá no hamanguí
Com puhui apexê e maracá
Com puhui apexê e maracá
Hameá Pataxó no hamanguí
Hameá Pataxó no hamanguí*

*Eu sento na bawai e peço força a Tupã
Eu sento na bawai e peço força a Tupã
Ô Tupã no ltorã que dá força aos Hã-Hã-Hãe
Ô Tupã no ltorã que dá força aos Hã-Hã-Hãe
Para meu Abekoi brilhar junto com Bekoi
Para meu Abekoi brilhar junto com Bekoi
Ô Tupã no ltorã que dá força aos Hã-Hã-Hãe
Ô Tupã no ltorã que dá força aos Hã-Hã-Hãe*

*A saia é de paia, capacete é de penacho
A saia é de paia, capacete é de penacho
Borduna arco e flecha nossa arma de lutar
Borduna arco e flecha nossa arma de lutar
Com o rosto pintado, maracá na mão
Com o rosto pintado, maracá na mão
Nós vai a nossa luta com Tupã no coração
Nós vai a nossa luta com Tupã no coração
Nos pisa aqui, pisa ali, pisa acolá.
Nos pisa aqui, pisa ali, pisa acolá.
Nós chegou foi com Tupã, com Tupã nos chega lá
Nós chegou foi com Tupã, com Tupã nos chega lá*

*Meu papagaio seu canto é bonito que veio tão lindo do lado de lá
Meu papagaio seu canto é bonito que veio tão lindo do lado de lá
Pisa, pisa quero ver pisar. Terreiro dos índios de Ororubá
Pisa, pisa quero ver pisar. Terreiro dos índios de Ororubá*

HISTÓRIA DO TORÉ FEITO POR BAWAÍ

O canto do Toré “Eu sento na Bawai” foi quando ainda participava do Curso Magistério Indígena da Bahia. Quando o professor Ricardo chegou de Salvador em Coroa Vermelha e pediu que cada povo cantasse um ou mais Toré para que ele gravasse. Hoje por ser uma professora indígena nativa desta aldeia, todos valorizam e cantam este Toré na comunidade.

O outro “Tihí Pataxó Hã-Hã-Hãe Hameá no Hamanguí” também criado por mim quando estava fazendo o curso Pró-Formação em Itabuna, onde tive um sonho. Este sonho trouxe para mim, o conhecimento deste Toré que não saiu da minha memória um só segundo, trazendo força e conhecimento para o estudo que estava participando naquele momento. Hoje passo para os meus filhos e alunos da minha sala de aula o valor e o conhecimento que cada Toré trás para nós indígenas.

COMO TRABALHAR ESTES TORÉ NAS SALAS DE AULAS:

Na disciplina português: copiamos o Tohé como um mini texto, esperamos dele a leitura e a escrita.

Matemática: As datas, os números de sílabas de cada palavras.

Arte: os desenhos dos objetos que aparecem no cântico.

Cultura: danças, cânticos e a pinturas usadas.

História: A história porque este Toré. Quem canta. Quem fez e por que fez.

Ciências: Exploramos os astros e os seres vivos da natureza.

Geografia: O espaço.

TRADUÇÕES

Bawai = pedra

Tupã = Deus

Itohã = céu

Hã-Hã-Hãe = povos juntos

Apekoí = corpo

Bekoí = sol

Tihí = índios

Pataxó = etnia indígena

Hameia = dança indígena

Hamanguim = mato

Puhuí = arco

Atexe = flecha

Maracá = instrumento indígena

CONCLUSÃO

Com o desenvolvimento deste projeto o povo Pataxó Hã-Hã-Hãe mostra parte da cultura, nossos conhecimentos vivos na aldeia e na escola, permanecendo entre a comunidade, passando pelo processo de transmissão e perpetuação.

Preservamos a nossa cultura, pois ela é a nossa verdadeira identidade, através da cultura que somos respeitados como povo etnicamente diferente. Para preservar a nossa cultura devemos conhecer, dominar e valorizar a história da aldeia, a prática dos rituais, usando nossas roupas, pinturas, comidas típicas, e artesanatos; objetivamos passar para nossos filhos e netos todos os valores materiais e espirituais.

Sem a preservação da nossa cultura deixaremos de ser um povo etnicamente diferente e passamos a ser um povo sem cultura e sem valores.

Portanto, este trabalho contribuiu para conscientizar todos da comunidade sobre o valor da nossa cultura.

A partir desse projeto, irei mudar a minha prática pedagógica e desenvolverei outros temas referentes ao meu povo.

AUTO AVALIAÇÃO

Ao desenvolver este projeto me senti realizada pois consegui alcançar meu objetivo que era de conscientizar os alunos e a comunidade da importância de preservar a cultura do nosso povo. Este trabalho contribuiu para me conscientizar juntamente com os alunos e a comunidade Pataxó Hã-Hã-Hãe. Portanto valeu a pena, pois este projeto nos ajudou na luta de resgate da nossa identidade.

Tupinambá de Olivença

Jamopoty, Acauã e Rômulo

Os Tupinambá de Olivença são habitantes nativos da região de Ilhéus no sul da Bahia. Na nossa organização, atualmente temos cacique, vice-cacique e onze lideranças em expansão. Trabalhamos na parte da saúde, atualmente com dezessete agentes indígenas, mas também estamos em expansão junto com a equipe médica da FUNASA. Somos 60 professores e dois são auxiliares da direção que atuam em 23 comunidades.

Nós buscamos nossos direitos garantidos na constituição, que são: ter terra, saúde e educação. Nos vivemos em um dos litorais mais bonitos da Bahia e ainda vivemos a cultura, apesar de muitos massacres e discriminação dos brancos, que vivem dentro de nossas terras, também por isso, ainda não temos o território demarcado. A FUNAI, ainda está em processo de estudo da nossa área. Continuamos firmes na cultura buscando sempre nos fortalecer enquanto povo que tem sua cultura diferenciada. Praticamos sempre nosso ritual sagrado que nos mantém firmes e fortes e nos une enquanto povo. Nosso Poracim é um momento de afirmação de nossa identidade onde adquirimos força espiritual e uma comunicação com Tupã. Somos um povo alegre, trabalhador, guerreiro e cantamos o ritual que nos fortalece.

*Jacy ae aende jacy.
Mba epe moindy iande taba
Tupã our tym. Isape iandé taba*

Jacy é a nossa lua.
Que clareia a nossa aldeia
Tupã venha arramiá, iluminar a nossa aldeia.

Quanto a gente canta Jacy que quer dizer lua e Tupã que quer dizer Deus tocamos no coração de nosso povo. Abrimos nossos braços e agradecemos pela colheita, pela pesca, pela água que bebemos e pelas plantas que curam nosso povo. Até hoje vivemos a nossa tradição com os mais velhos como a celebração do Poracim e temos também a festa do Divino em Junho, a Puxada do Mastro de São Sebastião em Janeiro com o asteamento do mastro dia 20 de Janeiro e a Caminhada em Memória dos Mártires do Rio Cururupe, no último Domingo do mês de Setembro que é para mostrar a luta pela terra, para viver nela com todos os direitos garantidos pela constituição brasileira.

*Ixé asó xe si Jacy
Touri peti bõ
ixé asó xé ubi Tupã
pe iandê taba by*

Eu vou pedir a minha mãe Jacy
Que ela venha nos ajudar
Eu vou pedir a meu pai Tupã
Pra nossa aldeia se levantar

“Devolva nossa terra que essa terra nos pertence.

Pois mataram e ensangüentaram os nossos pobres parentes.”

Está é a letra de um dos primeiros cantos criados para a Caminhada foi feito pela parente Nete que reside na comunidade do Acuípe de Cima. Foi pensando na Caminhada em Memória dos Mártires que morreram as margens do rio Cururupe que criamos essa peregrinação que é para nós um dos momentos mais fortes de reflexão onde além de fazer memória, conseguimos aglomerar um grande participação da sociedade civil e de organizações governamentais e não-governamentais. Fazemos também um trabalho de conscientização nas escolas públicas e particulares da região onde falamos sobre a cultura Tupinambá e envolvemos os alunos em campanhas solidárias, por exemplo arrecadando alimentos não perecíveis e livros didáticos para a nossa biblioteca. Assim informamos a sociedade civil sobre a nossa história socializando esse momento histórico que nos leva a uma época de massacres e genocídios para que não haja mais impunidades dessa natureza, envolvendo a vida humana.

Sabemos que desde 1.500 os povos indígenas vem sofrendo pela questão da terra. Aos poucos nos fomos perdendo para os portugueses e outros europeus que se instalaram aqui em nosso território. A terra não era de um única pessoa, a terra era para todos. Os índios tinham liberdade de plantar em qualquer lugar, eles podiam pescar, viver onde queriam, extrair da terra tudo que queriam sem dar satisfação a ninguém. Depois que se criou o documento foi que perdemos nosso território.

Hoje tem muito índio que não tem terra e vive em condições muito ruim e essa é uma realidade de fato, nos temos que estarmos unidos nessa luta para que essa terra seja devolvida para os verdadeiros donos, nos índios que somos os verdadeiros donos desse país. Hoje o nosso povo Tupinambá é de aproximadamente 4.000 índios e reivindicamos a demarcação do nosso território que é de 7 léguas em quadra onde inclui quase três dezenas de comunidades localizadas entre Ilhéus, Una e Buerarema e conhecidas pelos seguintes nomes: Cururupe, Parque de Olivença, Olivença, Pixixica, Cururutinga, Serra Negra, Serra do Ronca, Curupitanga, Campo de São Pedro, Sapucaieira, Ribeira, Santana, Santaninha, Serra das Trempes, Águas de Olivença, Acuípe do Meio, Acuípe de Cima, Acuípe de Baixo, Mamão, Cajueiro, Maruin, Lagoa do Mabaço, Praia dos Lençóis, Gravatá, Serra do Serrote, Serra do Padeiro, Praia de Batuba, Tororomba, Praia do Cai N'água e o Mangue do Caranguejo, ameaçado de extinção, além de outros Mangues.

Como trabalhamos o momento da peregrinação na sala de aula.

A terra é também uma das reflexões na Peregrinação em Memória dos Mártires e essa reflexão é voltada para uma metodologia diferenciada onde os alunos criam novas músicas e/ou desenham ilustrando textos que falam da nossa história e dos massacres. É um momento de ajudá-los a compreender melhor por que muitos não gostam de assumir que são Tupinambá e daí perceber a importância de se assumir como índio, pois temos direitos garantidos na constituição e por causa disso devemos não só nos assumir mas também passar essa cultura de geração em geração.

*Maré encheu tornou vazar
De longe muito longe eu avistei Ará
Minha palhoça coberta de sapé
Meu arco minha flecha minha cabaça de mé*

O canto se refere a ligação do povo Tupinambá com a praia e o respeito que temos que ter com tudo feito por Tupã, e uma das maiores criações foi o mar, pois do mar, fonte de vida na terra. É do mar que nos tiramos o alimento, como o peixe, o marisco e as conchas para fazer artesanatos. Os mais velhos dizem que a música foi feita quando eles estavam mariscando nas pedras de Olivença. A música é um canto de trabalho a beira da praia. Toda vez que a maré enchia e vazava eles iam mariscar com amor e prazer para garantir o alimento. Eles ainda falam que o mar não só dá o alimento mas também quando o parente está se sentindo com mal, está com a natureza amarrada, triste, era só chegar quando o sol estiver saindo ou pela tarde e era só ter fé em Tupã.

*Mar saudoso, mar sagrado
Vim te visitar
Trouxe muitas doenças
Saúde quero levar*

Dessa forma acreditamos que o mar tem uma grande influência em nossa vida. Com sua riqueza e mistério, mesmo distante não deixamos de ter uma ligação. Os mais velhos também dizem que na maré da vazante e dar 3 mergulhos em 3 ondas uma atrás da outra.

*Tem um munzuá pra mim olhar
Tenho o munzuá pra mim olhar
Eu olhei tava cheio de pya
Eu olhei tava cheio de pya*

Esta música inspira dias melhores, pois quando pequeno, sempre que a mãe e o pai iam pescar traziam munzuá (instrumento de pesca) cheio de poti (camarão), pya (peixe)

Este canto foi criado por um curumim (menino) Tupinambá diante da dificuldade que ele estava passando naquele momento, mostra responsabilidade de ter que olhar o munzuá que o irmão dele mais velho tinha feito e colocado no rio, e ele logo de manhã foi ver se tinha ou não peixe, diante de tantos problemas que eles vivem, naquele dia foi diferente. Está cheio de peixe! Ele está feliz e criou a letra e música deste canto para a professora e apresentou no Porancim de abertura da aula. A professora já tinha dito que pya era peixe e lembrando fez a música. Hoje nossas comunidades vivem realidades muito diferentes do passado, os rios estão poluídos, não há mais peixes nem camarão em abundâncias e algumas comunidades estão afastadas do litoral por causa dos massacres e invasões e hoje vivem longe dos rios e do mar e tem dificuldades de água limpa. Onde tem água na maioria das vezes são poluídas com agrotóxicos através dos fazendeiros que dominam a maior parte do território indígena. Quando uma criança consegue fazer uma música com um sentido tão forte, na realidade ela está desabafando do seu jeito simples e seu canto de uma certa forma transmite esperança de um futuro melhor.

*Tupinamba abe coab
m'quatiá baé mopiatan
baé m'quatiá m'quatiá caturupi
emi pioré icobé iandé mujujucá pepi*

Tradução
Tupinambá também conhece
A palavra que fortalece
Que palavra é essa? É a palavra de fé
Que a nossa vida nos mantém de pé

*Quando eu chego em Olivença pra lutar por nossa terra
Encontrei os meus parente todo em ponto de guerra
Eu tenho arco, tenho flecha e maracá!
Tenho todos meus parentes na aldeia Tupinambá!*

Este é um canto criado na comunidade do Acuípe de Cima, pela senhora Alícia, esposa do senhor Alício, grande liderança espiritual e muito respeitada pelo seu povo. Este é um canto de luta, força, emoção e de reivindicação. Quando cantamos essa música nos lembramos que já são mais de 500 anos de luta e a única vontade que temos é ver todos os territórios indígenas demarcados.

Sabemos que desde 1500 o povo indígena vem sofrendo pela questão da usurpação da nossa terra, pois, aos poucos perdemos para os portugueses e outros povos da Europa que se instalaram aqui em nosso território.

Antes de nós já teve uma luta bastante difícil para adquirir e permanecer na terra, diante dessa dificuldade e sofrimento o índio olha e lembra que antes não tinha cerca nem muro como hoje tem. A terra não tinha dono como uma única pessoa com grande pedaço de terra. Para o índio a terra é um bem de todos, antes o nativo tinha liberdade para plantar em qualquer lugar, ele podia caçar e extrair da terra tudo que queria sem dar satisfação para ninguém e depois que se criou o documento aí foi que de fato roubaram mesmo. Tirara o direito do índio de permanecer na área onde habitava e sempre querem botar o nativo mais distante possível do conhecimento, que é para o índio estar sendo sempre manipulado.

Parte da nossa identidade foi violada e ainda querem tirar de nós o pouco que nos resta, nossa cultura o direito de ser o que somos e até o direito da terra. Hoje tem muito índio que não tem terra e vive numa condição muito ruim e essa é uma realidade. Temos que estar juntos nessa luta para que nossa terra seja devolvida para os verdadeiros donos. O canto não é apenas ritual mas canto de força e de união de um povo que sabe o que é ser livre.

Tupinambá hoje é um povo que se ergue e a cada dia que passa vem mostrando a sua cultura que se fortalece. No Porancim, na luta pela terra e através da educação. Essa educação que vem tomando forma diferenciada e que tem três fortes objetivos: ser comunitária, ser bilíngüe ou seja, nós professores além de falar o português que é a língua padrão, também devemos dominar a língua tupi que é o nosso tronco lingüístico, e fortalecer a cultura.

PE TRUKÁ
BA TUMBALALÁ PANKARARÚ
XUCURÚ-KARIRI AL
KARIRI-XOCO
SE

cantando as culturas indígenas

PATAXÓ-HĀHĀHĀE

TUPINAMBÁ



O BANCO DO DESENVOLVIMENTO